

MEDIAÇÃO LITERÁRIA COM BEBÊS: perspectivas e reflexões a partir de uma experiência de estágio

Cristiane Cazellato Marioto
Geuciane Felipe Guerim Fernandes
Estéfani Dutra Ramos

Resumo

Na busca por caminhos e possibilidades tecidos na educação das infâncias, este artigo tem como objetivo geral refletir sobre a mediação literária com bebês a partir de uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado Obrigatório em Educação Infantil no curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. Na proposta delineada, problematizamos: Por que e para que ler com os bebês desde a primeiríssima infância? Para responder a essas questões, realizamos uma pesquisa bibliográfica e uma ação de mediação literária em um Centro Municipal de Educação Infantil, com bebês de seis meses a um ano e dois meses de idade. Em nosso referencial teórico, autores como López (2018; 2022), Reyes (2017), Pasqualini (2013), Leite e Girotto, (2022), Lazaretti e Schmitt (2024), Carvalho, Camargo e Magalhães (2025) auxiliaram a evidenciar a relevância das práticas literárias desde a mais tenra idade, por meio de estratégias que viabilizam a interação com o livro, com a leitura, com o outro e com o mundo.

Palavras-Chave: Estágio; Educação Infantil; Mediação literária.

Abstract:

In the search for paths and possibilities woven into early childhood education, this article aims to reflect on literary mediation with babies based on an experience lived during the Mandatory Supervised Internship in Early Childhood Education in the undergraduate course in Pedagogy at the State University of Northern Paraná (UENP), Cornélio Procópio campus. In the outlined proposal, we problematize: Why and for what purpose should we read with babies from the very earliest infancy? To answer these questions, we conducted bibliographic research and a literary mediation activity in a Municipal Early Childhood Education Center with babies aged six months to one year and two months. In our theoretical framework, authors such as López (2018; 2022), Reyes (2017), Pasqualini (2013), Leite and Girotto (2022), Lazaretti and Schmitt (2024), Carvalho, Camargo and Magalhães (2025) helped to highlight the relevance of literary practices from the earliest age, through strategies that enable interaction with the book, with reading, with others and with the world.

Keywords: Internship; Early Childhood Education; Literary Mediation.

Introdução

Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre a mediação literária com bebês a partir de uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado Obrigatório em Educação Infantil no curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio.

Para dialogar sobre os bebês, os livros e as interações é preciso, antes de tudo, compreender quem são esses pequenos sujeitos e de que maneira se relacionam com o mundo. Ainda no ventre materno, quando o bebê escuta a voz e os batimentos do coração da mãe, iniciam-se suas primeiras leituras do mundo, um leve descortinar das janelas de um universo repleto de significados e saberes. A partir dessas descobertas iniciais, e de mãos dadas com parceiros mais experientes, como mães, pais e professores, muitas outras janelas se abrem.

Nas potências dos encontros, compreendemos que o modo como apresentamos (ou deixamos de apresentar) o mundo às crianças pode ampliar ou restringir seus repertórios. Nesse sentido, questionamos: Por que e para que ler com os bebês desde a primeiríssima infância? Para dialogar sobre essa questão, realizamos uma pesquisa bibliográfica em diálogo com autores como López (2018; 2022), Reyes (2017), Pasqualini (2013), Leite e Girotto (2022), Lazaretti e Schmitt (2024) e Carvalho, Camargo e Magalhães (2025) que nos auxiliaram a evidenciar a relevância das práticas literárias desde a mais tenra idade, por meio de estratégias que viabilizam a interação com o livro, com as histórias, com o outro e com o mundo. Acreditamos que o modo pelo qual as vivências literárias acontecem influenciam diretamente na forma como as crianças dão sentido ao mundo, à vida e às práticas leitoras.

Em nosso percurso metodológico, realizamos ainda uma ação de mediação literária em um Centro Municipal de Educação Infantil, com bebês de seis meses a um ano e dois meses de idade. Inicialmente, observações dos bebês na sala de referência e, deles, no espaço do CMEI. Além disso, observamos as rotinas, as práticas pedagógicas e o trabalho desenvolvido com o agrupamento de crianças. Findas as observações, realizamos o planejamento das ações tendo como aporte teórico os autores mencionados anteriormente.

Considerando que as crianças chegam às instituições de Educação Infantil ainda bebês, e que o professor tem o papel de garantir seus direitos e, por meio de ações de cuidado e educação, ampliar seus repertórios, torna-se evidente a necessidade de investigar quem são esses bebês, como se estabelece sua relação com o mundo, com os livros e com a literatura infantil. Para tanto, evidenciamos, em um primeiro momento, a importância da comunicação emocional na infância e as formas com que o professor, na Educação Infantil, impulsiona a comunicação

emocional a partir das experiências com a literatura e com a linguagem oral e escrita, necessárias à formação de leitores.

Feita essa discussão, em um segundo momento, descrevemos a experiência de mediação literária realizada no Estágio Supervisionado Obrigatório na Educação Infantil, destacando as ações, o planejamento, as intervenções, os recursos e os resultados alcançados durante e após a medição.

Bebês e Livros: a Literatura como processo de comunicação emocional

O planejamento das atividades pedagógicas com crianças, sobretudo com bebês, exige não só a organização do trabalho pedagógico, mas o conhecimento acerca de quem são os bebês, como se desenvolvem e como as mudanças qualitativas no desenvolvimento ampliam as suas formas de comunicação com o mundo, sobre o mundo, com o outro e com a cultura (Pasqualini, 2013).

Inicialmente, o bebê lê o mundo por meio da mãe, do pai, de seus familiares e cuidadores. Esse contato se perfaz nos vínculos construídos na relação com o adulto, o qual, segundo Pasqualini (2013, p. 82-83) se traduz na “[...] expressão mútua de emoções que a criança e o adulto dirigem um ao outro (não existindo ainda comunicação verbal entre dois sujeitos).

Estes conceitos pautam-se nos pressupostos de Vygotski (1995), o qual analisa as mudanças qualitativas que caracterizam o desenvolvimento do psiquismo da criança por meio da sua relação com o mundo. Conforme nos lembra Pasqualini (2013), o processo de desenvolvimento do psiquismo não é natural, mas depende das mediações oportunizadas. Nessa perspectiva, do nascimento até por volta de um ano de idade, os bebês se relacionam com o mundo por meio da comunicação emocional direta. Isso significa que esse processo comunicativo ocorre “mediante as ações do adulto dirigidas ao bebê [de modo que] ele vai progressivamente tomando parte de uma atividade de comunicação com o adulto” (Pasqualini, 2013, p. 82).

Ao atender e satisfazer as necessidades biológicas do bebê e mediar o seu contato com a realidade, o adulto se comunica emocionalmente, mas também o atrai à comunicação. Não por acaso, o bebê se expressa através de comportamentos que refletem seus estados emocionais como o choro, as expressões faciais e os movimentos corporais, por exemplo. O rosto deste adulto, nesse sentido, é a primeira

leitura que a criança faz do mundo: olha nos olhos, fala, narra, canta, faz carinho enquanto alimenta, cuida e oferece colo (Reyes, 2017).

À medida em que as mudanças qualitativas no desenvolvimento ocorrem, o mundo se amplia e este bebê passa a frequentar novos espaços, novas relações e novas experiências culturais, as quais se efetivam nos espaços externos à família, como por exemplo, as instituições que se ocupam com a educação e com o cuidado das crianças de zero a cinco anos.

Nas instituições de Educação Infantil, o adulto que tem o papel de mediar as relações da criança com o mundo, bem como as suas formas de comunicação, é o professor. Mais que isso, seu papel é garantir os direitos dessa criança e, por meio das ações de cuidado e educação, lê-la, bem como suas necessidades, ampliando seus repertórios:

O trabalho com bebês e crianças pequenas exige que as pessoas responsáveis aprendam a ler crianças, uma das tarefas mais complexas que podemos imaginar. Ler entrelinhas, ler entre gestos, ler marcas do tempo ou ler sem palavras. A tarefa de interpretar seus sentimentos e suas necessidades, seus modos de pensar, requer uma sensibilidade e uma disponibilidade particular, além de certos conhecimentos específicos do desenvolvimento infantil (López, 2018, p.110).

Nesse cenário, o professor que atua na Educação Infantil, sobretudo com os bebês, impulsiona o desenvolvimento da comunicação e as formas com que eles se relacionam com o mundo. Uma das formas pelas quais essa comunicação se efetiva se dá pelas experiências com a linguagem, as quais têm papel essencial na formação de leitores. Usando uma metáfora cara a Lopez (2022), o banho narrativo, linguístico e poético, intitulado por ela de “Leiturar”, coloca em ação significativos processos psíquicos, intelectuais, afetivos e simbólicos:

Leiturar é, então, e também, uma intervenção sobre a escuta e a escuta é - provavelmente - um dos bens em extinção, pelo qual haveremos de pagar no futuro. [...] Penso a escuta como uma “ternura, para com o estranho”, para o desconhecido, o não sabido dos outros (López, 2022, p. 110).

No âmbito das práticas pedagógicas, o professor que atua com bebês tem um

papel muito importante na relação que as crianças estabelecem com a linguagem oral e com a linguagem escrita. Essa mediação se efetiva a partir do planejamento de práticas pedagógicas potencializadoras da relação dos bebês com os diferentes suportes portadores de escrita, entre eles o livro. Assim, “deste ponto de vista, quando a criança entra em contato com objeto cultural, no caso, o livro, passa a reconhecer a cultura nele presente, seja pelos sentidos de tatear, de ouvir, da visão ou pelo sentido social, e inicia-se o processo de humanização” (Leite; Girotto, 2022, p.4).

Dada a importância de oportunizar vivências com os suportes que aproximam os bebês da escrita e da oralidade, cabe às instituições de Educação Infantil propiciar esse encontro. Embora a criança ainda não decifre as letras e as palavras, o contato direto com o objeto livro é importante para isso. Ainda que o livro represente um brinquedo, a criança tem a oportunidade de manuseá-lo, estimulando sentidos como o tato e a visão, além da imaginação, da curiosidade e da interação com seus pares, apontando e reconhecendo, portanto, vivências do seu cotidiano. Todas essas potencialidades foram exploradas em uma experiência de mediação literária, a qual descrevemos na seção que se segue.

Mediação literária com bebês: uma experiência a partir do Estágio Supervisionado na Educação Infantil

Na busca por problematizar a questão inicial, qual seja, “Por que e para que ler com os bebês desde a primeiríssima infância?”, realizamos um estudo bibliográfico e uma ação de mediação literária em um Centro Municipal de Educação Infantil, em uma cidade do interior do Norte do Paraná, com bebês de seis meses a um ano e dois meses de idade. A proposta está vinculada ao Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus de Cornélio Procópio.

Na ação da mediação literária, destacamos as observações participativas, o planejamento e as intervenções realizadas. Em um primeiro momento, o olhar atento, a observação participativa, os registros em diário de campo, a escuta sensível da comunicação dos bebês e as experiências vivenciadas contribuíram para enriquecer o planejamento e as intervenções. Nesse processo, a importância da observação inicial evidencia o deslocamento do foco do professor para as relações, interações e

atitudes das crianças, com o objetivo de conhecê-las (Carvalho; Camargo; Magalhães, 2025).

A observação realizada durante o Estágio Supervisionado, a qual mobilizou a mediação proposta, potencializou a leitura do agrupamento das crianças. Nessa ótica, conforme nos lembra López (2018), é por meio da observação que aprendemos a conhecer, ler e a interpretar os bebês e as crianças pequenas, bem como o desenvolvimento infantil. Assim:

O trabalho com bebês e crianças pequenas exige que as pessoas responsáveis aprendam a ler as crianças, uma das tarefas mais complexas que podemos imaginar. Ler entrelinhas, ler entre gestos, ler marcas do tempo ou ler sem palavras. A tarefa de interpretar seus sentimentos e suas necessidades, seus modos de pensar, requer uma sensibilidade particular, além de certos conhecimentos específicos do desenvolvimento infantil (López, 2018, p. 110).

No rol dessas observações, notamos que as rotinas nas salas de referência dos bebês de seis meses a um ano e dois meses de idade valorizavam as infâncias. As professoras regentes incluíam práticas de contação de histórias e musicalização, valorizando as múltiplas linguagens. Com isso, sustentamos as escolhas metodológicas com foco na ampliação dos repertórios e experiências significativas com e para as crianças. No planejamento, concordamos com Lazaretti e Schimitt (2024, p. 32) ao afirmarem que:

[...] o planejamento deve expressar os objetivos de sua ação pedagógica em sintonia com os princípios e as condições em que se efetiva a apropriação dos conhecimentos culturais pelas crianças, sendo assim, um processo que implica organizar o ensino de maneira consciente à finalidade educativa.

A partir deste princípio, a mediação literária aqui apresentada teve como ponto de partida o livro “Uma lagarta muito comilona”, de Eric Carle (2025), traduzido por Renato Moriconi e publicado pela editora Companhia das Letrinhas. Trata-se de um livro ilustrado de conto acumulativo, ou seja, a cada página a lagarta come mais e mais, até se transformar em borboleta.

Nesta mediação, o professor constitui a ponte essencial entre o livro e o olhar curioso do bebê, que se traduz em uma experiência repleta de sentidos e encontros. Considerando-se que a comunicação emocional da criança com o adulto se efetiva,

na primeiríssima infância, pelas formas com que este atrai à criança à comunicação, foi possível perceber que o bebê, que ainda não lê palavras, lê o mundo por meio do tom de voz do adulto, do olhar que convida, do ritmo, das pausas, do corpo inteiro (Pasqualini, 2013). Nesse sentido, buscamos acolher a curiosidade dos bebês, os encantamentos e os encontros entre eles e o mundo que se descortina aos seus olhos:

Voltemos à fascinação do bebê pelas palavras para buscar nelas os materiais e as estratégias: o livro, a mão que toca, a voz que conta, guia, e inventa palácios. Talvez sejam essas estratégias simples e talvez seja isto simplesmente um mediador: a voz que conta, uma mão que inventa palácios e arquiteturas impossíveis; alguém que abre as portas proibidas e que traça caminhos e conexões entre livros e leitores (Reyes, 2017, p.50)

Nessa direção, a mediação aconteceu em uma manhã de sol. A sala de referência foi preparada com um tapete e almofadas de um tecido macio e colorido. Ao lado, uma lagarta gigante confeccionada com papelão, colchonete, bamboles e tecido verde. O planejamento do espaço, nesse caso, dialoga com as contribuições de Barbosa (2006) ao destacar que ele não pode ser visto como um pano de fundo e, sim, como parte integrante da ação pedagógica. Compreendemos que uma organização adequada do espaço e dos materiais disponíveis na sala de referência é decisivo para o desenvolvimento das crianças e para o envolvimento na proposta.

A intervenção teve início após a realização da rotina prevista para o início da manhã. A rotina incluía uma recepção carinhosa e o acolhimento individualizado enquanto as crianças chegavam acompanhadas de seus pais, familiares ou cuidadores. Já na sala de referência, as professoras cantaram uma música de acolhida pronunciando todos os nomes. Após a acolhida, foi realizado o momento da mamadeira e, só então, foi iniciada a preparação para a mediação literária. As crianças foram convidadas a se sentarem no tapete e, em seguida, a música “Uma história vai começar, nossos ouvidos vão escutar”, foi utilizada para motivá-las a escutar a história e se envolverem na narrativa, conforme registros realizados no diário de campo das autoras.

A música se apresentou como um convite para o espaço em que a mediação seria realizada e sinalizou a experiência a ser desenvolvida, despertando curiosidade. A lagarta gigante permaneceu ao lado do tapete onde as crianças estavam sentadas

e, ao narrar que a lagarta havia comido uma, duas ou mais frutas, as crianças eram incentivadas a pegarem as frutas simbólicas, feitas de bolinhas e tecidos, e a colocá-las na boca da lagarta.

A narração constitui a principal fonte de entrada para a linguagem. (López, 2016, p. 14), expõe a importância das narrativas na infância, desde o nascimento:

Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para organizar o tempo. Os bebês precisam, prioritariamente, destas experiências narrativas precoces, tanto aquelas que organizam a vida cotidiana (“Agora vou dar banho em você, vou tirar a sua roupinha, depois vamos comer e descansar...”, “Nossa, olha esse passarinho que está em cima do galho, agora saiu voando... é muito colorido!”, por exemplo) quanto às narrações poéticas, que nos dão os contos e alimentam o território da ficção. (López, 2016, p. 14).

Notamos que a maioria dos bebês nos observava atentamente enquanto a história era lida; outros interagiam conosco ou com os colegas. Havia também aqueles que não demonstravam reação explícita, mas permaneciam presentes, certamente conectados ao espaço cuidadosamente preparado, cheio de intenção e afeto, ou simplesmente ouvindo, sem olhar na direção da mediação, aprendendo e relacionando-se com o mundo à sua maneira. De algum modo, todos estavam se comunicando emocionalmente com os adultos presentes, professoras e estagiárias presentes.

Ao vivenciar essas situações de aprendizagem, concordamos com Maria Emilia Lopéz que “O olhar compartilhado que os livros oferecem sobre histórias ficcionais ou textos informativos transforma-se em um potente instrumento de pensamento e sensibilidade para as relações humanas” (López, 2016, p. 98). Ler conjuntamente com os bebês envolve sentidos, interações, relações, pensamento e criação. Para que esse movimento ocorra, destacamos a necessidade de um olhar sensível que convida a criança para a vivência literária.

Assim, enquanto uma estagiária lia a história pausadamente para oferecer o tempo necessário para a interação, a outra estagiária convidava o bebê para a participação da atividade relatada no livro, colocando a fruta simbólica na boca da lagarta. A estagiária chamava a criança com a pergunta: Quem quer colocar a fruta na boca da lagarta? ou Vamos colocar a fruta na boca da lagarta? Quantas frutas

iremos levar? Vamos chamar um amigo para nos ajudar a levar estas frutas? A história tem como desfecho a transformação da lagarta em uma linda borboleta.

Imagen 1: Mediação da Leitura



Fonte: acervo pessoal (2025)

Após a mediação com o livro, foi apresentada a música “A Lagarta comilona”, de Shuan Bencks, cantada pelas estagiárias com acompanhamento do instrumento musical de cordas *ukulele*. Foram entregues tiras de tecidos coloridos para os bebês se envolverem com a música, com o ritmo e com o movimento. Para finalizar, foi entregue um embrulho de papel de seda, representando a pupa, e as crianças foram incentivadas a abri-la, encontrando uma borboleta sensorial.

A maioria participou com entusiasmo das propostas, e foi possível observar reações bastante positivas, expressas em sorrisos, movimentações corporais e, sobretudo, nos olhares atentos que acompanhavam cada gesto nosso. Essa resposta sensível e envolvida das crianças decorreu de um planejamento cuidadoso, elaborado

a partir das observações prévias. Para nós, tornou-se ainda mais evidente a importância de um planejamento intencional como instrumento do trabalho docente.

Após a realização das propostas, os bebês manifestaram interesse em explorar o espaço e os materiais utilizados durante a mediação. “Assim, mais do que uma mera proposta, os livros oferecem uma oportunidade de experiências de encontros e de construção de significados compartilhados” (López, 2016, p. 98). Alguns exploravam os livros, outros deitavam, rolavam e engatinham no tapete com as almofadas, passavam por dentro da lagarta gigante, manipulavam as frutas confeccionadas para a história, em diferentes situações de exploração e envolvimento com a proposta.

Imagen 2: Exploração do livros



Fonte: arquivo pessoal (2025)

A imagem revela o interesse e a atenção do bebê ao manusear o livro. A criança pegou o livro no canto da leitura e foi realizar sua “leitura”, demonstrando autonomia e interesse pela exploração direta do livro.

Embora a criança não decifre as letras e palavras, é importante o contato direto com o objeto livro. Ainda que o livro represente um brinquedo para ela, a criança tem a oportunidade de manusear o livro, estimulando vários sentidos, primeiramente e principalmente, o tato e a visão, promovendo a imaginação e a curiosidade, e a interação com seus pares, apontando e reconhecendo vivências do seu cotidiano. Assim, muitas crianças passam a ter a necessidade de ler, inicialmente, mediante a um adulto que se faz presente para acolher, contar histórias e ser a voz da criança que ainda não sabe ler. Ao

observar o adulto, interagindo com o livro, por exemplo, o pequeno leitor passa a querer imitá-lo, criando o desejo e a necessidade da leitura pelo ato de ler para si e para o outro (Leite; Girotto, 2022, p. 4).

A experiência de mediação literária com bebês, realizada no contexto do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, evidencia a importância do planejamento, da organização dos espaços e da mediação literária para a primeiríssima infância. Essas experiências leitoras, além de aproximarem as crianças das experiências com a linguagem, dos suportes de escrita, aproximam-nas das vivências de leitura de mundo, as quais são mediadas intencionalmente, tendo como fio condutor a comunicação emocional direta (Pasqualini, 2013).

Ao planejarmos situações de mediações literárias, escuta de histórias e manuseio de livros pelos bebês, potencializamos o desenvolvimento infantil, mas também os inserimos no universo da cultura, possibilitando que, desde a mais tenra idade, estabeleçam contato com diferentes narrativas, linguagens, situações comunicativas e formas de significar o mundo.

Considerações Finais

Ao retomarmos a questão central: Por que e para que ler com os bebês desde a primeiríssima infância?, compreendemos que a leitura, mediada pelo adulto, constitui uma importante prática de inserção dos bebês nos processos de comunicação emocional, de linguagem, de experiência com a cultura e de formação do pequeno leitor.

A experiência vivenciada no Estágio Supervisionado na Educação Infantil permitiu constatar que o contato com o livro, bem como a mediação docente e a intencionalidade pedagógica tecidas no planejamento, são elementos fundamentais na construção das primeiras relações das crianças com a comunicação, com a linguagem, com o outro e com o mundo.

Os resultados observados nas ações realizadas revelam que a mediação literária, quando intencionalmente planejada e atenta ao conhecimento da criança e de seu desenvolvimento, amplia os repertórios culturais e fortalece a comunicação emocional. Nesse sentido, ler com e para os bebês constitui instrumento para participação na cultura escrita, mesmo antes de compreenderem as palavras, bem

como para abertura para a descoberta de si e do outro, em um processo de humanização que se dá pela escuta e pela partilha de sentidos.

Compreendemos, assim, que o papel do professor na Educação Infantil é o de mediador entre a criança e o universo literário, criando condições para que cada bebê encontre, nas histórias, no livro e na voz que narra, um território de desenvolvimento e de aprendizagem. O planejamento, o espaço, os materiais e as práticas pedagógicas constituem, portanto, instrumentos indispensáveis nesse processo.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força:** rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARLE, Eric. **A lagarta muito comilona.** Tradução de Renato Moriconi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2025.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; CAMARGO, Daiana; MAGALHÃES, Cassiana. As aprendizagens do ofício docente nas narrativas do estágio curricular na Educação Infantil: observação, escuta e promoção da participação das crianças. **Revista Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 48, p. 1–25, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/290555/001248802.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2025.

LAZARETTI, Lucineia Maria; SCHMITT, Silvana Lazzarotto. Organização do Ensino na Educação Infantil: premissas orientadoras para o planejamento docente. In: LAZARETTI, Lucineia Maria; SCHMITT, Silvana Lazzarotto (Org.). **Didática na Educação Infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 1-183.

LEITE, Isabella Fatima; GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Os pequenininhos e o objeto-livro: a importância da leitura no processo de humanização das crianças. **Educação em Análise**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 477–493, 2022. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/43646>. Acesso em: 30 out. 2025.

LÓPEZ, María Emilia. **Os bebês, os professores e a literatura:** um triângulo amoroso. Brasília: MEC/SEB, 2016.

LÓPEZ, Maria Emilia. Leiturar. **Revista Emilia — Formação de Leitores**, [S. I.], 13 mar. 2022. Disponível em: <https://emilia.org.br/leiturar/>. Acesso em: 30 set. 2025.

PASQUALINI, Juliana Campregher. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (Org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71–97.

REYES, Yolanda. O triângulo amoroso. In: LIMA, Érica; FARIA, Fabíola; LOPES, Raquel (Org.). **As crianças e o Livro**: reflexão sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 46-50.

YGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 1995.

Nota sobre as autoras

Cristiane Cazellato Marioto - Graduada em Fisioterapia e graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Bolsista PIBEX do Programa de extensão - BrinquePed UENP: integrando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

Geuciane Felipe Guerim Fernandes - Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista a (PPEdu-UEL). Professora Adjunta do colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CJ). Coordenadora do Programa de extensão - BrinquePed UENP: integrando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

Estéfani Dutra Ramos - Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - UNESP. Professora Adjunta do colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná.(UENP/CCP) Coordenadora do Programa de extensão - BrinquePed UENP: integrando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.